

# UM ESTUDO DOS SENTIDOS DO TRABALHO PARA AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA DE MANAUS

*A STUDY ABOUT THE SENSE OF WORK FOR HOMELESS IN MANAUS*

*UNE ÉTUDE DES SENS DE TRAVAIL POUR UN RÉSIDENT DE RUE DE MANAUS*

*UN ESTUDIO DE LOS SIGNIFICADOS DE TRABAJO PARA LAS PERSONAS SIN HOGAR DE MANAUS*

**CARVALHO**, Gerusa Menezes de  
Mestre em Psicologia;

Psicóloga Organizacional do Hospital Universitário Getúlio Vargas, Manaus - AM.

**MORAES**, Rosângela Dutra de

Professora da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, integrante do quadro efetivo, nível Associado I. Atuando na graduação e no mestrado em psicologia, na área de Psicologia do Trabalho e Organizacional, com ênfase na Teoria psicodinâmica do trabalho. Coordenadora do Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho da UFAM.

## RESUMO

Este estudo objetivou compreender processos psicodinâmicos de prazer e sofrimento das pessoas em situação de rua de Manaus. Pesquisa qualitativa, realizada com doze participantes, baseada principalmente na Psicodinâmica do Trabalho. Os instrumentos utilizados foram a entrevista narrativa, a observação clínica e o diário de campo, este último adaptado da Cartografia. Utilizou-se uma adaptação da Análise da Teoria Fundamentada para analisar os dados, agrupando-os em categorias de análise de elementos comuns. Como resultados há somente organização real do trabalho. A desconfiança e a resignação são as estratégias coletivas defensivas. A virilidade e a racionalização são as ideologias defensivas. Poucos participantes identificaram o reconhecimento de seu trabalho. Contudo, o sentido atribuído ao trabalho é de oportunidade de transformação na condição de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicodinâmica do Trabalho. Pessoas em situação de rua. Vulnerabilidade social.

## ABSTRACT

This article aimed to understand the homeless's psychodynamic processes of pleasure and suffering in Manaus. Qualitative research, with twelve participants, mainly based on the theoretical framework of Work Psychodynamics. The instruments used were the narrative interviews, clinical observation and the field diary, that adopted from Cartography. The results were analyzed by adapting the analysis of the Grounded Theory, organizing the data into categories of analysis of common elements. As results, there is only actual organization of work. Distrust and resignation are collective defensive strategies to deal with the suffering of working and living on the streets of Manaus. Virility and rationalization are applied defensive ideologies. A few participants identified the recognition of the work. However, the meaning assigned to work, is the opportunity to transform in living conditions.

**KEYWORDS:** Work Psychodynamics. Homeless persons. Socially vulnerable.

## RÉSUMÉ

Cette étude a permis comprendre les processus psychodynamiques de plaisir et de souffrance des personnes en situation de rue à Manaus. Recherche qualitative, a réalisé avec douze participants, fondée principalement en Psychodynamique du Travail. Les instruments utilisés sont l'interview narrative, l'observation clinique et le registre de champ, ce dernier adapté de la cartographie. A été utilisée une adaptation d'Analyse de la Théorie Fondée pour analyser les données, regroupant en catégories d'analyse d'éléments communs. Comme résultat il y a seulement l'organisation réelle du travail. La méfiance et la résignation sont des stratégies collectives défensives. La virilité et la rationalisation sont principales les idéologies défensives. Quelques participants ont identifié la reconnaissance de son travail. Cependant, le sens attribué au travail est d'opportunité de changement à condition de vie.

**MOTS-CLÉS:** Psychodynamique du travail. Résident de rue. Vulnérabilité sociale.

## RESUMEN

Este estudio objetivó comprender los procesos psicodinámicos de placer y el sufrimiento de las personas sin hogar de Manaus. La encuesta cualitativa, con doce participantes, se ha fundamentado principalmente en Psicodinámica del

Trabajo. Los instrumentos utilizados fueron la entrevista narrativa, la observación clínica y el diario de campo, este último una adaptación de la Cartografía. Se utilizó una adaptación de la Teoría Fundamentada para analizar los datos, agrupándolos en el análisis de los elementos comunes de las categorías. Como resultado de ello sólo hay una real organización del trabajo. La desconfianza y la resignación son las estrategias colectivas de defensa. La virilidad y la racionalización son ideologías defensivas. Pocos participantes identificaron el reconocimiento de su trabajo. Sin embargo, el sentido atribuido al trabajo es la oportunidad de transformación en las condiciones de vida.

**PALABRAS-CLAVE:** Psicodinámica del Trabajo. Personas sin hogar. Vulnerabilidad social.

### **Introdução**

Falar sobre pessoas em situação de rua implica refletir sobre as transformações estruturais que ocorrem no mundo do trabalho. Um dos primeiros impactos da reestruturação do trabalho foi a demissão de trabalhadores e a consequente sobrecarga para os que não foram demitidos (Antunes, 2014). Associada a tais mudanças, testemunhou-se a supremacia da acumulação flexível do capital sobre o modelo fordista, o que expandiu o desemprego estrutural e intensificou a precarização do trabalho. Uma “nova morfologia do trabalho” (Antunes, 2014, p. 26) desprovida das garantias sociais anteriormente conquistadas, e marcada pela informalidade (terceirizados, cooperativas, voluntariado, empreendedorismo) se instalou no cenário do trabalho.

No Brasil, qualquer pessoa, quando desprovida das garantias sociais do trabalho formal, do apoio familiar ou de amigos, corre o risco de ficar em situação de rua e tornar-se conhecida como “morador de rua”. Esta condição é, muitas vezes, vista pela lente dos estigmas de vagabundo, perigoso, malfeitor. Contudo, tal estigma pode mascarar a insuficiência de ofertas de trabalho como Castel (2010) apontou ao analisar o estigma de vagabundo atribuído à população pobre do século XVIII.

O estigma de vagabundo para as pessoas em situação de rua, para além de um controle social, se torna uma boa estratégia para tirar do foco a ineficácia do Estado em

resolver o problema do desemprego. Desta forma, ocorre a culpabilização do próprio sujeito por sua condição; e a negação ao direito à cidadania se estabelece. Não obstante, as pessoas em situação de rua procuram se distinguir dos malfeitores e vagabundos, se definindo como trabalhadores, conforme descreve Escorel (1999).

O presente texto foi construído a partir de uma pesquisa acerca das vivências subjetivas de trabalhadores que estão em condição de rua, na cidade de Manaus, que teve como objetivo geral compreender os processos psicodinâmicos de prazer e sofrimento das pessoas em situação de rua da cidade de Manaus. E, como objetivos específicos, caracterizar a organização do trabalho e o real do trabalho no contexto das pessoas em situação de rua; sinalizar os desencadeadores de sofrimento; descrever a dinâmica do reconhecimento e os mobilizadores de prazer dos trabalhadores informais; identificar as estratégias defensivas dos trabalhadores informais e descrever suas estratégias de enfrentamento frente à condição de risco a que estão expostos.

Diversas pesquisas discutem o fenômeno das pessoas em situação de risco e alguns autores problematizam a questão do trabalho no contexto da situação de rua (Varanda e Adorno, 2004; Matos e Ferreira, 2004).

### **Perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho sobre o trabalhar**

O trabalho, na abordagem dejouriana, é o investimento psíquico – por meio da

mobilização subjetiva – do trabalhador a fim de concretizar a atividade para a qual nem a

organização do trabalho nem as prescrições são suficientes. Nesse contexto, a organização do trabalho se refere à divisão das tarefas e às relações que se estabelecem entre os trabalhadores e o ambiente do trabalho, entre os diferentes atores (os próprios trabalhadores, os gestores, os clientes ou usuários dos serviços prestados pelos trabalhadores), englobando a forma como ocorre essa relação, a maneira como a comunicação flui, os modos de gestão, o trabalho prescrito e o trabalho real. Dejours (2011) considera as normas e procedimentos estabelecidos pela gestão como trabalho prescrito, enquanto que o trabalho real consiste no investimento subjetivo do trabalhador para dar conta dessa prescrição.

Diante do hiato entre o prescrito e o real, o trabalhador depara-se com a insuficiência de seus conhecimentos, com os imprevistos, com as panes, e tem contato com o revés, que é vivenciado como experiência afetiva de sofrimento, relacionado ao medo de não conseguir realizar bem o seu trabalho. Neste sentido, o sofrimento é inerente ao trabalhar. Uma grande contribuição da teoria dejouriana ao debate da dimensão subjetiva do trabalho é a compreensão das estratégias defensivas, que permitem aos trabalhadores se manter no plano da normalidade, e seguir trabalhando, apesar do sofrimento.

As estratégias defensivas são meios encontrados pelos trabalhadores na busca da “normalidade, que ocorre de saída, como equilíbrio instável, fundamentalmente precário, entre o sofrimento e as defesas contra o sofrimento” (Dejours, 2011, p. 62). Geralmente funcionam a partir dos mecanismos psíquicos da negação e da racionalização, e possuem como característica fundamental a eufemização da situação que agrava o sofrimento (Moraes, 2013). Tais estratégias, contudo, possuem um papel ambíguo, por dificultarem o pensar sobre o trabalho: apesar de protegerem o psiquismo, evitando a descompensação, possuem uma dimensão de alienação, e podem ser utilizadas

pela organização do trabalho como instrumento de dominação, podendo contribuir para a disseminação da violência (Dejours, 2012a).

Estratégias de defesa sedimentadas podem se tornar ideologias defensivas, cuja função é sustentar a estratégia defensiva, o que implica manter a alienação, impedindo o processo emancipatório de transformação da organização do trabalho. Tal transformação se dá a partir da mobilização subjetiva que pode ser compreendida como um “processo intersubjetivo” (Mendes e Duarte, 2013, p. 259) dos trabalhadores que investem sua inteligência prática – essencialmente corporal, criativa e engenhosa exercida pelos trabalhadores para superar o real do trabalho (Vasconcelos, 2013). Para que haja mobilização subjetiva, que se dá no plano do coletivo dos trabalhadores, é necessário que a dinâmica do reconhecimento, o exercício da inteligência prática e da autonomia estejam presentes e interagindo de forma dinâmica na organização do trabalho.

A dinâmica do reconhecimento, considerada a via saudável para estabelecermos relações de trabalho dignas, ocorre quando há espaço para o sujeito se sentir valorizado por seu fazer, por sua chefia (reconhecimento de utilidade) e por seus pares (reconhecimento de beleza). A mobilização subjetiva depende também da resignificação do trabalho, processado por meio da perlaboração – processo psíquico no qual o sujeito reflete sobre seu trabalho, e que é viabilizado pela fala e escuta do sujeito; que supera a negação do sofrimento, admitindo-o e lhe dotando de um sentido. Nesse processo, o sujeito também supera a alienação do trabalho e cria estratégias de enfrentamento para lidar com o real do trabalho de forma ativa, investindo na transformação daquilo que, na organização do trabalho, se relaciona ao sofrimento (Moraes, 2013).

A cooperação, outro elemento necessário para a mobilização subjetiva,

ocorre quando o trabalhador se sente em um ambiente que lhe inspire confiança, pois para cooperar é preciso fazer-se conhecer, dar visibilidade ao seu estilo de trabalhar. Isso

### Metodologia

Ao introduzir o método, cabe expor as interfaces teóricas construídas na pesquisa, que conduziram às escolhas no plano metodológico. O referencial teórico fundamental desta pesquisa foi a Psicodinâmica do Trabalho. Todavia, a complexidade do fenômeno demandou ampliação do olhar, recorrendo a Santos (1999) e Certeau (2008) para melhor compreender o sentido de espaço para as pessoas em situação de rua. Apoiamo-nos em Arendt (2014) para ampliar o sentido do trabalho que, no contexto da situação de risco a que estão submetidas, se constitui, algumas vezes, um aspecto de sobrevivência. Além disso, foi necessário conhecer as políticas públicas voltadas para as pessoas em situação de rua e como estão sendo efetivadas na prática. Para este último aporte, contamos com nossa vivência nesse campo de atuação do psicólogo.

No borbulhar de tantas contribuições teórico-metodológicas, realizamos a pesquisa empírica, qualitativa, cadastrada no CAAE nº 0403.0.115.000-15 CEP/UFAM, cujos instrumentos de pesquisa foram entrevistas narrativas (Jovchelovitch e Bauer, 2010) e diários de campo, adaptados a partir da Cartografia (Barros e Katrup, 2009). Nos diários de campo abrangemos tanto os encontros com os participantes da pesquisa quanto as memórias da pesquisadora referentes ao período em que trabalhou em um equipamento do Sistema Único de Assistência Social – SUAS da cidade de Manaus.

A pesquisa ocorreu entre 2014 e 2015. A técnica de análise utilizada foi uma adaptação da sistemática de análise da Grounded Theory, proposta por Moraes (2010). As categorias de análise foram os eixos

significa expor suas falhas, o que se torna viável porque “confiança e lealdade são indissociáveis” (Dejours, 2012a, p. 80).

propostos por Mendes e Araújo (2012) – Organização do trabalho; Mobilização subjetiva; Sofrimento, defesas e patologias. Os nomes foram substituídos por nomes fictícios, respeitando o anonimato dos participantes. As entrevistas narrativas ocorreram de novembro a dezembro de 2014 e todas as informações sobre os participantes são situacionais.

Nos encontros com os participantes, a produção do diário de campo foi adaptada da Cartografia (Kastrup e Barros, 2009), procurando coabitar os espaços vivenciais dos participantes, vivenciando tais espaços (ainda que de forma incompleta e diversa, devido ao nosso lugar de pesquisadores), afetando os participantes e sendo afetados por eles.

O espaço vivencial escolhido para realizar a pesquisa foi a rua onde se localizavam dois equipamentos da Assistência Social da cidade de Manaus: um Centro-Pop e um Serviço de Acolhimento Institucional. O curso da pesquisa coincidiu com a alteração de endereço do Centro-Pop, o que não quebrou o vínculo de algumas pessoas em situação de rua – usuárias do Centro-Pop – com o antigo endereço. Isto nos chamou a atenção e nos levou a escolher especificamente tal lugar para abordar os possíveis participantes da pesquisa. Dentre eles, doze concordaram em participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, sendo onze homens e uma mulher.

Refletindo sobre o vínculo destes participantes com aquela rua específica, recorremos a Santos (1999) e a Certeau (2008) para compreender como se criam e se fortalecem esses vínculos com os lugares. Esses autores destacam que um espaço geográfico adquire sentidos especiais para

aqueles que o ocupam. Desta forma, podemos inferir que se cria um sentimento de intimidade nessa “errância” entre as pessoas em situação de rua e a própria rua, de descobertas e ressignificações desses espaços que elas se apropriam e os transformam. A rua, contudo, é lugar de riscos e vulnerabilidade social, exigindo-lhes cuidado e atenção redobrada.

Surge daí uma questão social que passa a merecer a atenção do Estado no sentido de encontrar soluções que deem conta da complexidade que demanda. As políticas públicas voltadas para quem está em situação de rua ofertam serviços que visam à criação de um novo projeto de vida, de acesso à cidadania, focada no processo de saída das ruas e aquisição da referência de sujeito de direitos na sociedade (Brasil, 2011).

### **Resultados e Discussão**

Os participantes da pesquisa executam diversas tarefas relacionadas a diferentes profissões: pedreiro, bombeiro hidráulico, eletricitista, auxiliar de serviços gerais, motorista, lavador de carros, roçador de quintal, cozinheiro. Voltados para a realização de reparos ou prestação de serviços como diaristas, a fim de obter dinheiro principalmente para comprar alimento. Nesse sentido, consideramos que eles se aproximam do animal laborans (Arendt, 2014), porque as atividades que executam são, em sua maioria, o trabalho, ou seja, atividades relacionadas à manutenção da vida, que não deixam marca no mundo quando finalizadas. O trabalho praticado pelas pessoas em situação de rua “move-se sempre no mesmo círculo prescrito pelo processo biológico do organismo vivo” (Arendt, 2014, p. 120).

#### **1. Organização do trabalho no contexto da pessoa em situação de rua**

O estudo da organização do trabalho é o ponto de partida para a análise dos processos psicodinâmicos mobilizados no trabalhar, visto que o confronto da

Nas visitas ao campo nos deparamos com alguns desses riscos e vulnerabilidades sociais já que as entrevistas, em sua maioria, ocorreram nas ruas, sentados em bancos de praças ou de calçadas, compartilhando (momentaneamente) os espaços vivenciais das pessoas em situação de rua, submetidas às condições climáticas (chuvas ou calor intenso), lidando, por exemplo, com os ruídos da rua que dificultavam a compreensão do áudio das gravações.

As visitas ao campo nos mostraram como se dava a disputa por território entre essas pessoas que trabalhavam como flanelinhas e nos ajudaram a compreender como é a organização do trabalho do grupo pesquisado.

organização de trabalho (normas, divisão de tarefas, hierarquia) com a subjetividade é um desencadeador de sofrimento, agravado quando a organização de trabalho é rígida e restringe a margem de manifestação da subjetividade (Dejours, 2011).

Os participantes desta pesquisa se aproximam da condição discutida por Dejours (1992) sobre o subproletariado, no qual não há uma organização do trabalho prescrita e é, como o segundo, uma situação regida pelo subemprego e desemprego.

As atividades, exercidas para sobreviver, são as mais diversas. É heterogênea. Camaleônica, ela adapta-se às diferentes organizações do trabalho onde possa obter uma oportunidade de trabalho, mesmo que temporário. Quando precisa trabalhar na própria rua para garantir a sobrevivência, notamos que não há uma prescrição da organização do trabalho, ela inscreve-se no real, no cotidiano, na ocasião (Certeau, 2008). A forma como a inteligência prática é exercida remete à astúcia, ilustrada na fala de Pedro sobre “aprender a discernir as coisas rápido”, e no seu relato de se manter

atento às oportunidades de vender seu artesanato, o que pode garantir sua sobrevivência (Arendt, 2014; Dejours, 2012; Certeau, 2008).

As relações de trabalho apresentam particularidades. Thiago denominou aqueles que contratam seu trabalho de “patrão”; contudo, a relação que se estabelece entre eles não prevê as garantias sociais de um vínculo formal de trabalho: caso ocorra algum acidente de trabalho durante a atividade, o indivíduo, já em situação de risco ou de vulnerabilidade pela própria condição de rua, não poderá contar com nenhum tipo de suporte do “patrão”. Retomando a situação analisada por Castel (2010), no século 14, podemos traçar um paralelo entre as relações de trabalho do senhor e escravo e a do “patrão” e a pessoa em situação de rua: em ambas há ausência de responsabilidade do contratante do serviço (senhor, “patrão”) em relação ao contratado (servo, pessoa em situação de rua).

Sentidos diversos, mas não excludentes, foram atribuídos à rua: pode ser o lar que conhecem, o local onde trabalham, o lugar onde se sentem acolhidos, onde se sentem livres, mas também onde sentem medo, onde passam fome, calor, frio. Dessa mistura de vivências destacamos aqui duas que comentaremos: a de lar e de trabalho.

Como espaço de trabalho, comentaremos sobre a atividade de flanelinha. A divisão do espaço envolve disputas tensas que podem ser violentas. Assim como na pesquisa de Alberto (2002), o espaço da rua é dividido em “pontos” que pertencem aos “donos”. André explicou que o espaço é dividido e referenciado pelos postes da rua e alguns se denominam seus donos e os alugam para outras pessoas que também se encontram em situação de rua. Esses aluguéis nem sempre ocorrem de forma pacífica, mas são tensos e, às vezes, podem culminar em conflitos violentos.

O estigma de ladrão e perigoso também faz parte das relações que se

estabelecem entre os potenciais clientes (proprietários de carros, por exemplo) e as pessoas em situação de rua que atua como flanelinha.

Tal estigma gera outra característica dessa organização do trabalho: o controle social executado pelos “aparelhos de vigilância” (Foucault, 2010, p. 185), como, por exemplo, a Guarda Municipal. Pedro questionou o papel desse aparelho de vigilância e falou sobre o real do trabalho de um artesão que está em situação de rua: “Foi isso que eu disse pro sargento uma vez, eu falei, disse assim: Sargento, você está proibindo de eu fabricar meu artesanato aqui na praça, no lugar público que não tô fazendo sujeira, nem nada” (Pedro).

A ausência de equipamentos de proteção individual e o risco de um acidente de trabalho fazem parte da organização do trabalho. O real do trabalho se apresenta pela negativa, pelo fracasso. Em uma organização do trabalho como essa, o real do trabalho é o medo da violência, a solidão, a condição de animal laborans.

## **2. Vivências de sofrimento**

Na concepção dejouriana, o sofrimento integra o trabalho, porque há sempre um confronto entre a subjetividade e o real. Entretanto, nos processos psicodinâmicos mobilizados no trabalhar, a busca do sujeito é transformar o sofrimento do trabalho. Concorrem neste processo: a mobilização subjetiva, a inteligência prática, no plano individual; a confiança, a cooperação, o espaço de fala e de escuta, e especialmente o reconhecimento, no plano coletivo. As trocas de ideias favorecem a socialização dos recursos empregados por cada trabalhador para lidar com o sofrimento. Todavia, as pesquisas que deram origem a esta abordagem se desenvolveram principalmente em contextos de trabalho formal.

No contexto do trabalho informal há pesquisas que indicam fatores como

autonomia (Moraes, Vasconcelos e Cunha, 2012) e cooperação (Guizonni, 2013) foram essenciais para a transformação do sofrimento. Todavia, para os trabalhadores em situação de rua, os laços de companheirismo são muito frágeis, dificultando a confiança e a cooperação. Apenas um participante destacou a importância da autonomia, relacionada à liberdade da criação de suas peças artesanais. A transformação do sofrimento a partir da autonomia e da cooperação mostrou-se pouco presente.

A situação de rua leva os participantes a vivenciar diversos desencadeadores de sofrimento. Os principais são a violência e o estigma de vagabundo e ladrão. A violência vem da polícia, das disputas por território e pelas relações hierarquizadas estabelecidas entre as próprias pessoas em situação de rua. A falta de confiança e de cooperação agravam o sofrimento. A negação do medo de morar na rua é uma estratégia de defesa coletiva comum entre os participantes.

Dentre os participantes, poucos possuíam documentos de identificação. A falta de documentos é um agravante de sofrimento uma vez que os impede de concorrer a vagas em trabalho protegido pelas leis trabalhistas e também a programas sociais de geração de renda oferecidos pela prefeitura de Manaus. A resignação foi a estratégia de defesa utilizada para lidar com tal sofrimento; apenas um deles percebeu a falta de documentos como preocupante. Os participantes desta pesquisa se aventuravam em atividades que poderiam lhes causar algum dano à saúde, como por exemplo, limpar caixa de gordura sem utilizar luvas e, como estratégia de defesa, negavam os riscos e o medo de se acidentarem.

Para lidar com os agravantes de sofrimento, valem-se de estratégias de adaptação e procuram “ter jogo de cintura”, “tentam ser diferente” para lidar com o estigma, por exemplo. Em geral, omitem da família os infortúnios que estejam vivendo.

O consumo de drogas lícitas e/ou ilícitas, tal como ocorre com as crianças e adolescentes trabalhadores de João Pessoa (Alberto, 2002), assume o papel de estratégia de defesa para a maioria dos participantes da presente pesquisa. Tanto para lidar com a fragilidade dos vínculos afetivos, como para lidar com as adversidades que a rua impõe e também para pedir gorjeta. É estratégia de defesa (Dejours, 2011; 2012a) em situações onde a fome ou qualquer outra necessidade exige, como no caso narrado por um dos participantes que recorre à bebida para “tentar amenizar o sofrimento”; é também tática quando percebem uma ocasião (Certeau, 2008) para obter a gorjeta, conforme relatado pela participante que considera que a pessoa fica “mais cara de pau de pedir quando tá beba, quando o camarada não dá aí você xinga... às vezes o camarada se arrepende e diz ‘vem cá, toma, toma’”.

### ***3. Estratégias de defesa, cooperação e sentidos da rua***

As entrevistas narrativas corroboraram os estudos acerca das pessoas em situação de rua: acentuada deterioração dos vínculos familiares e de amizade estabelecidos na rua (Brasil, 2009). Observamos que o contato com a rua, para a maioria dos participantes da pesquisa, iniciou-se na infância, seja trabalhando “de menor” ou “reparando carro, engraxando sapato, comecei aprendendo a fazer saco pra padaria”.

Como se trata de uma relação antiga, construída na infância, a rua passa a ser mais que lugar de transitar (Santos, 1999), na medida em que lhe dão um novo sentido: o de lar. O espaço se situa no tempo presente, que é o tempo vivido, o tempo do aqui e agora (Santos, 1999) do animal laborans (Arendt, 2014).

Assim, a rua assume o papel simbólico de lar, lugar onde crianças se tornam adultos, o que foi sinalizado nas entrevistas com os participantes desta pesquisa, que o

transformaram no “espaço praticado”, segundo Certeau (2008), no qual as pessoas em situação de rua se apropriam e com o qual tem uma relação íntima, afetuosa, familiar. Pensar a rua, sob essa ótica, pode ajudar a compreender a fala de uma das participantes, quando nos disse que a “a rua... ela é um viço (sic), ela é um viço (sic), a pessoa se avicia (sic) nela”. A rua, mais que um vício, é o lugar de vitalidade que Madalena e os outros participantes desta pesquisa conheceram.

Porém, a fragilidade dos vínculos familiares e de amizade se constituem fatores de risco para as pessoas em situação de rua. Moraes (2010) comenta que o apoio familiar é fator de proteção contra o sofrimento no trabalho. Por essa perspectiva, podemos inferir que essa fragilidade dos vínculos familiares é duplamente fator de risco para as pessoas em situação de rua. Entre os participantes observamos que, além do distanciamento das relações familiares, há também a omissão acerca da condição atual de vida, justificada por um deles por não considerar “justo tá incomodando” a família por estar na rua.

Ao indagarmos sobre amizades que se formam no espaço da rua, alguns responderam que os assuntos recorrentes são “as drogas e cachaça”; e que tais relações de amizade são baseadas “na cachaça, de droga; mas amigo, amigo mesmo de verdade eu não tenho”. Essa falta de confiança se expressa na fala de um dos participantes que afirma que não conseguia dormir tranquilamente quando morava junto com outras pessoas em uma casa abandonada.

Estratégia de defesa é um conceito dejouriano relativo às situações de trabalho. Neste artigo as autoras buscam traçar um paralelo entre as estratégias defensivas contra o sofrimento no trabalho dejourianas, e as situações vivenciadas pelas pessoas em situação de rua, aqui consideradas como estratégias defensivas, posto que elas trabalham e vivem na rua. A desconfiança pode ser compreendida como uma estratégia

de defesa coletiva entre os participantes da pesquisa.

Alguns dos participantes da pesquisa se referiam a “correr atrás” de trabalho. Isso significava conquistar clientes entre a vizinhança residente ou proprietária de algum estabelecimento no entorno da rua pesquisada. Como um dos participantes comentou: “Não se escolhe trabalho”, é o trabalho que o escolhe. Daí a importância de aceitar o desafio, ainda que ponha em risco a própria segurança e saúde. Assim, demonstrar virilidade (Dejours, 1992; 2007; 2010; 2012), para lidar com o medo que morar na rua representa é uma estratégia de defesa recorrente. Racionalizar que não há importância na dinâmica do reconhecimento, a fuga por intermédio do consumo de drogas e a virilidade são ideologias defensivas que garantem a manutenção das estratégias de defesa, impedindo a reflexão e transformação que o sujeito poderia fazer caso as ideologias não existissem.

Dessa maneira a virilidade se torna uma ideologia defensiva destinada a manter a negação de tal medo. A virilidade (Dejours, 1992; 2007; 2010; 2012) também pode ser percebida na relação de dominação que se estabelece no momento da disputa por territórios – “a rua é uma selva” – em que estão familiarizados com a violência, banalizando-a. Nesse caso, manter a “fama” de violento garante o território para trabalhar como flanelinha. Ao contrário da cooperação e solidariedade entre as crianças e adolescentes que trabalham nas ruas de João Pessoa/PB (Alberto, 2002), os participantes da pesquisa de Manaus quase não se ajudam. As entrevistas apontaram para um clima de desconfiança disseminado entre eles e as ações de solidariedade só apareceram nos momentos de dividir a comida. Quanto maior a situação de risco, menores os laços de confiança como se pode observar no discurso dos participantes desta pesquisa que não utilizam a casa de passagem, serviço oferecido pelo Sistema Único de Assistência Social, no



qual os usuários passam a conviver, o que estimula a aproximação entre as pessoas e os vínculos de confiança podem ser criados/restaurados.

As pessoas em situação de rua se constituem um coletivo de trabalhadores desarticulado e fortemente marcado pela desconfiança. Isso prejudica a cooperação, o reconhecimento dos pares e a mobilização subjetiva. Por outro lado, é um coletivo em que as regras de convivência são vitais para a sobrevivência do sujeito na rua; assim também as regras de ofício, especialmente no caso dos que trabalham como flanelinhas, cujo funcionamento é acatado pelos que trabalham na rua: a violência das disputas por espaço, a convivência cortês com os residentes da rua, a divisão do território em pontos referenciados pelos postes, a definição dos valores a serem pagos pelo aluguel dos pontos, o “manguiar”<sup>1</sup> se constituem, dentre outras, as regras de trabalho para as pessoas em situação de rua. Sobreviver na rua se relaciona a observar e cumprir tais regras, confirmando que “toda regra de trabalho é a um só tempo regra técnica e regra de saber viver” (Dejours, 2012a, p. 84).

#### **4. A dinâmica do Reconhecimento no contexto das pessoas em situação de rua**

Na compreensão da Psicodinâmica do Trabalho, o reconhecimento é o recurso privilegiado para subversão do sofrimento em prazer. O julgamento de utilidade ou de beleza do trabalho, conferido pelo olhar do outro, promove um sentido ao esforço, à persistência em superar obstáculos, ao emprego da inteligência para criar soluções. O reconhecimento do trabalho traz a sensação de que “valeu a pena” o sofrimento e o investimento para superar os obstáculos e realizar bem o seu trabalho. Desta forma, o reconhecimento fortalece a identidade e amplia a auto-estima, favorecendo a

realização pessoal através do trabalho (Dejours, 2012).

Na pesquisa com as pessoas em situação de rua, o reconhecimento de suas atividades como trabalho e o reconhecimento do valor de seu trabalho é muito tênue, quase ausente. A racionalização de alguns dos participantes para justificar a ausência do reconhecimento de seu trabalho também foi um dos aspectos identificados na pesquisa. Um deles racionalizou a negação do reconhecimento de seu trabalho falando que “time que está ganhando não se elogia porque, se elogiar, aí relaxa” e outro afirmou que “elogio não leva a gente a progredir”. A racionalização, nesses casos, surge como uma ideologia defensiva para lidar com a falta de reconhecimento do trabalho que desempenham. Destacamos que a manutenção dessa ideologia defensiva prejudica a transformação da realidade, pois, se a dinâmica do reconhecimento não ocorre, os indivíduos irão utilizar-se de estratégias defensivas para suportar o sofrimento inerente ao trabalhar. A ausência da dinâmica do reconhecimento, dessa forma, prejudicará a função protetiva de saúde na vida do trabalhador.

Essa pesquisa revelou o sofrimento das pessoas em situação de rua decorrente do estigma de bandido, malfeitor. O não reconhecimento deles como trabalhadores, situação semelhante à vivenciada pelas crianças e adolescentes de João Pessoa (Alberto, 2002) e pelas pessoas em situação de rua pesquisada por Escorel (1999), que não reconhecia as atividades de catador e guardador de carros como atividades de trabalho; isso pode estar relacionado à ideia de desqualificação e desvalor que esses trabalhos representam para os próprios catadores e guardadores de carros. Destacamos que o não reconhecimento do trabalho das pessoas em situação de rua afeta

<sup>1</sup> Manguiar, o termo utilizado pelos participantes durante as entrevistas, significa pedir algo para garantir a sobrevivência, seja dinheiro, vestimenta ou alimento.

a dinâmica do reconhecimento e dificulta a (re)construção da identidade social.

A racionalização da negação do reconhecimento não é unanimidade entre os participantes desta pesquisa. Dentre eles, há três que percebem o reconhecimento de seu trabalho: Pedro e Bartolomeu – artesãos – e Madalena certa vez, quando trabalhou como diarista em uma residência. As motocicletas e coqueiros fabricados com latas de refrigerante (“eu reciclo aquilo que com certeza vai pro lixo”) e o barco fabricado com palitos de picolé são exemplos da metamorfose somente possível por meio da criatividade e da habilidade de homens que, com suas mãos, transformam e atribuem novos sentidos a materiais.

Os artesanatos produzidos por esses dois homens podem ser compreendidos como obras, e, como tais, conferem a Pedro e Bartolomeu outra condição: o de homo faber. Ainda são animal laborans (como a maioria dos mortais de nossa sociedade), mas, como a obra confere uma durabilidade e abre espaço para novas relações entre eles e a sociedade, criam uma fissura na relação de exclusão social a que estão submetidos e oportuniza o reconhecimento de seu trabalho é vivenciado de formas diferentes por eles: Pedro compreende que o elogio está direcionado para seu trabalho e que isso “aumenta sua autoestima, dá mais força para trabalhar, por pior que seja a situação”; no entanto, Bartolomeu “sente vergonha” quando elogiam seu artesanato.

Destacamos que o reconhecimento de seu trabalho se constitui promotor de saúde para Pedro e ele mesmo identifica os benefícios do reconhecimento de seu trabalho. Bartolomeu se sente envergonhado dos elogios ao artesanato que produz, mas a evidência do reconhecimento, a qual ele ainda está se acostumando, configura-se importante agente de inclusão social, tanto para ele quanto para Pedro. Tal reconhecimento é a “dimensão social da sublimação” (Dejours, 2012a, p. 111).

O reconhecimento do trabalho também passa pela superação dos obstáculos, do real do trabalho e se materializa no reconhecimento do cliente, Madalena se sentiu reconhecida pela atividade que realizou, quando recebeu elogios em um trabalho como diarista, ao passar roupas. A dona da casa lhe confiou os paletós de seu marido e elogiou o seu trabalho. Sua identidade social se ampliou, o que pode ser considerado como mobilizador de prazer.

### ***5. Os mobilizadores de prazer no trabalho para as pessoas em situação de rua***

Para que haja mobilização subjetiva, é necessário que alguns elementos estejam presentes e interajam: a dinâmica do reconhecimento, o exercício da inteligência prática e da autonomia no trabalho, cooperação entre os pares. Tais elementos estão escassos entre os participantes, com especial atenção para a cooperação. O grupo em questão vivencia a precarização do trabalho associada à situação de rua em que se encontram e a fragilidade dos vínculos familiares e de amizades. Observamos a ausência de mobilização subjetiva; é um coletivo que elegeu a desconfiança como uma estratégia coletiva de defesa, acarretando a desmobilização de qualquer ação coletiva.

Ainda assim, os participantes desta pesquisa mostraram que o trabalho desempenha entre eles um importante promotor de saúde, de resgate da cidadania, como ocorreu, por exemplo, com um dos acolhidos na casa de passagem do Serviço de Acolhimento Institucional, para quem o trabalho contribuiu para a reconstrução da identidade como trabalhador. João conquistou um espaço de reconhecimento na sociedade e um status de cidadão. Sente-se reconhecido pelos demais trabalhadores do SAI, que o elogiam. Além disso, sua fala revela um sentimento de pertencimento àquela casa de passagem.

João também exerce sua inteligência prática e tem autonomia para regular o ritmo

de seu trabalho de forma que seu trabalho lhe é mobilizador de prazer: “Eu mesmo defini porque se eu fosse pelos outros, faz errado. Ninguém pega no meu pé. Porque eu faço direito”.

Ainda na dimensão das relações socioprofissionais, cabe enfatizar que o trabalho tem exercido um papel de resgate dos relacionamentos interpessoais de Renato, cujo transtorno mental prejudicava sua vida social. O trabalho, associado ao acompanhamento psicossocial de um Centro de Acolhimento Psicossocial, contribuíram para a (re)construção de sua identidade.

O mobilizador de prazer para Pedro e Bartolomeu se concentra na criação do

### Considerações Finais

Nesta pesquisa procuramos estabelecer conexões que ajudassem a compreender as vivências subjetivas das pessoas que vivem e trabalham nas ruas da cidade de Manaus. Buscamos apresentar outras perspectivas para o fenômeno da situação de rua, evitando colocar tais resultados como verdade absoluta, fugindo, dessa forma, do perigoso campo das generalizações.

Muitas pessoas em situação de rua fizeram da rua seu local de trabalho. A própria condição de animal laborans é considerada inferior, humilhante, como atesta Madalena, para quem “manguiar, fazer mandados”, não é trabalhar; porém garantem a sobrevivência e, nesse contexto, se aproximam do conceito de labor cuja função principal é a manutenção da vida (Arendt, 2014).

Não há uma prescrição na Organização do Trabalho dos participantes desta pesquisa. Ela é construída com base no real do mundo social, do cotidiano, da ocasião. As regras se estabelecem por relações de dominação, fortemente influenciadas pela violência. As condições de precarização a que estão submetidos exigem deles diversidade no saber fazer: para além do trabalho como flanelinha ou lavador de

artesanato. É nesse momento que sublimam as vivências de sofrimento. Nas entrevistas ambos falaram de um estado de sublimação quando estão construindo seus artesanatos, no qual Bartolomeu considera “uma terapia” e Pedro fala que “se sente em paz”.

As oportunidades de trabalho, ainda que precarizadas, alimentam a esperança dos participantes. Os relatos de Madalena e Marcos ecoam sobre a esperança, um desejo de mudança, de sonhos. Ainda que a esperança sozinha não mobilize o sujeito, mas, no contexto da rua significa continuar lutando, não desistir. Assim, para Madalena e para Marcos, a esperança funciona como fator protetivo à saúde mental..

carros, precisam conhecer sobre eletricidade, construção civil, hidráulica, serviços gerais, por exemplo. Dependerá do frágil equilíbrio da sobrevivência na rua aceitar ou não o trabalho que lhe é posto. Utilizando-se da Métis para sobreviver, criam estratégias de adaptação.

A organização do trabalho é marcada por tensões e conflitos pela divisão de espaço, pelo estigma de bandido e vagabundo atrelado à sua imagem e pelo consequente controle social exercido pelos aparelhos de vigilância atravessam o real do trabalho e o real do mundo social.

Para lidar com o sofrimento, costumam valer-se da desconfiança, da resignação, do consumo de drogas lícitas e/ou ilícitas e da negação do sofrimento como estratégias de defesa coletivas, as quais os ajudam a manter um frágil equilíbrio, porém impedem a construção de vias mais saudáveis para a transformação do sofrimento. A virilidade e a racionalização aparecem como ideologias defensivas.

Não somente os laços familiares estão deteriorados. A falta de confiança entre eles prejudica a construção de laços de cooperação. Tampouco se sentem reconhecidos pela sociedade como categoria

de trabalhadores. Surge como ideologia defensiva a racionalização de que o reconhecimento – especialmente o da beleza – não é importante; ao contrário, afeta o resultado do trabalho. Isso é preocupante, uma vez que a dinâmica do reconhecimento (Dejours, 2012a) é propulsora da transformação do sofrimento em prazer, ressignificando o trabalho.

Nas atuais condições da organização do trabalho dos participantes desta pesquisa, há pouco espaço para a elaboração e perlaboração do sofrimento. O pouco reconhecimento de seus trabalhos e a pouca cooperação entre eles, enfraquece a mobilização subjetiva, inviabilizando a transformação de tal cenário.

Não obstante, as pessoas em situação de rua encontram as próprias maneiras de ressignificar seu sofrimento. Reconhecimento, cooperação, inteligência prática surgem, ainda que não em conjunto (o que provavelmente favoreceria a Mobilização Subjetiva). Podem não conseguir elaborar seu sofrimento, ressignificá-lo ou transformar sua organização do trabalho; ainda assim, suas falas confirmaram quão poderoso é o trabalho na construção da identidade social do sujeito e no resgate do sentido de cidadania. É trabalhando que esquecem o sofrimento vivenciado nas ruas e consideram estar diante de uma oportunidade concreta de transformação em sua condição de vida, da transição de um lugar de pária para um lugar de cidadão. A arte, o fazer bem feito, foi, para poucos participantes, importante via de sublimação e é por meio da beleza que produzem, enquanto trabalham, que percebem a conquista do reconhecimento.

Os trabalhos descritos pelos participantes são, em sua maioria, desprotegidos das garantias sociais e a própria situação de rua em que se encontram os põe no centro de um grave quadro de vulnerabilidade social, pois, muitas vezes, quando perdem seu trabalho, estão perdendo também sua moradia.

Nesta pesquisa foi possível apreender alguns sentidos da rua para as pessoas que ali vivem: lar, local de trabalho, de liberdade, de acolhimento, mas também de medo. Pensamos que é importante aprofundar as possíveis conexões entre o medo e a falta de confiança característica dessa categoria de trabalhadores.

As entrevistas revelaram que os participantes não se veem como trabalhadores, mas como sobreviventes. As reflexões de Arendt (2014), no entanto, fazem-nos compreender que são sobreviventes e trabalhadores. Conferir-lhes o status de trabalhadores é fundamental na reconstrução do sentido de cidadania, tão caro às políticas públicas. Destarte, o reconhecimento deles como trabalhadores tem repercussões não somente no plano da subjetividade, mas também no real do mundo social.

Embora o cenário descrito não seja dos mais promissores, notamos que uma via saudável para iniciar a transformação desse cenário pode ser o reconhecimento do trabalho das pessoas em situação de rua. Dejours (2012) enfatiza que o reconhecimento não é direcionado para a pessoa, mas para o trabalho que ela executa. Tomemos como exemplo Pedro, que falou sobre o aumento da autoestima quando elogiam seu trabalho. Além de verbalizar o benefício que sente ao ser elogiado, ele sabe discernir o que é elogio ao trabalho e o que é elogio pessoal. Isso mostra quanto é importante desconstruir certos paradigmas relativos à negação do trabalho das pessoas em situação de rua.

Ainda que haja muita aridez no asfalto, é possível se ver nascer a flor do reconhecimento e da esperança, em algumas situações descritas pelos participantes. Isso parece apontar para possíveis caminhos para a transformação de uma organização do trabalho talhada pela precarização do trabalho e pela vulnerabilidade social.

## Referências

- Alberto, M. F. P. (2002). A dimensão subjetiva do trabalho precoce de meninos e meninas em condição de rua em João Pessoa (PB) (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco) Recife, PE. 300p.
- Antunes, R. (2014). Desenhando a nova morfologia do trabalho e suas principais manifestações. In: A. M. Mendes; R. D. Moraes; A. R. C. Merlo. Trabalho e sofrimento: práticas clínicas e políticas (pp. 25-45) Curitiba: Juruá. 260p.
- Arendt, H. (2014). A condição humana (R. Raposo, Trad.; A. Correia, Revisão técnica e apresentação. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 403p. (Original published in 1958).
- Brasil. (2009). Decreto 7.053 de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Acessado em 01 de maio de 2013. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm)
- Brasil. (2011). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. Secretaria Nacional de Renda e Cidadania e Secretaria Nacional de Assistência Social. Orientações técnicas: Centro de Referência Especializado para população em situação de rua – Centro Pop. SUAS e População em situação de rua. Volume 3. Ed. Brasil: Brasília, 2011.
- Castel, R. (2010). As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. (I. D. Poleti, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. 611p.
- Certeau, M. (2008). A invenção do cotidiano: as artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes. 372p.
- Dejours, C. (1992). A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. Ampliada. São Paulo: Cortez-Oboré. 168p.
- Dejours, C. (2007). A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 156p.
- Dejours, C., Bègue, F. (2010). Suicídio e trabalho: o que fazer? Brasília: Paralelo 15. 128p.
- Dejours, C. (2011). Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. (F. Soldant, Trad.) In S. Lancman E L. I. Sznelwar (Orgs.). Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho (pp. 57-123). Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2012). Trabalho vivo, tomo I, Sexualidade e trabalho. Brasília: Paralelo 15. 216p.
- Dejours, C. (2012a). Trabalho vivo, tomo II, Trabalho e emancipação. Brasília: Paralelo 15. 222p.
- Scorel, S. (1999). Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz. 276p.
- Foucault, M. (2010). Microfísica do poder. (R. Machado, Org. e Trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra. 431p.
- Ghizoni, L. D. (2013). Clínica Psicodinâmica da Cooperação na Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis da Região Centro Norte de Palmas – TO (ASCAMPA). (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Instituto

- de Psicologia, Universidade de Brasília), Brasília, DF. 308 p.
- Jovchelovitch, S., Bauer, M. W. (2010). Entrevistas narrativas. In: M. W. Bauer e G. Gaskell (Orgs.) (P. A. GUARESCHI, Trad.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 90-113.
- Kastrup, V.; Barros, R. B. (2009). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: E. Passos; V. Kastrup; L. Escóssia (Orgs.). Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, pp. 17-31.
- Mattos, R. M., Ferreira, R. F. (2004). Quem vocês pensam que (elas) são? - Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Psicologia & Sociedade*, 16(2), 47-58. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822004000200007> acesso em 28 de fevereiro de 2017.
- Mendes, A. M.; Araújo, L. K. R (2012). Clínica Psicodinâmica do Trabalho: o sujeito em ação. Curitiba: Juruá. 156 p.
- Mendes, A. M., Duarte, F. S. (2013). Mobilização subjetiva. In: F. O. Vieira; A. M. Mendes; A. R. C. Merlo (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho*. Curitiba: Juruá, pp 259-266.
- Moraes, R. D. (2010). Prazer-sofrimento no trabalho com automação: estudo em empresas japonesas no Polo Industrial de Manaus. Manaus: EDUA. 304p.
- Moraes, R. D. (2013). Estratégias defensivas. In: F. O. Vieira; A. M. Mendes; A. R. C. Merlo (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho*. Curitiba: Juruá, pp 153-157.
- Moraes, R. D.; Vasconcelos, A. C. L. (2011). Subjetividade e trabalho com automação: estudo no Polo Industrial de Manaus. Manaus: EDUA. 176p.
- Moraes, R. D.; Vasconcelos, A. C. L.; Cunha, S C P. (2012). Prazer no trabalho: o lugar da autonomia. *Psicologia (Florianópolis)* (Cessou em 2008. Cont. ISSN 1984-6657 *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*), v. 12, p. 217-228. Acesso em 03 de maio de 2016 em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v12n2/v12n2a07.pdf>
- Santos, M. (1999). A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção. São Paulo, Hucitec. 308p
- Varanda, W.; Adorno, R. C. F. (2004). Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, 13(1), 56-69. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902004000100007> acesso em 28 de fevereiro de 2017
- Vasconcelos, A. C. L. (2013). Inteligência Prática. In: F. O. Vieira; A. M. Mendes; A. R. C. Merlo (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho*. Curitiba: Juruá, pp 237-242.